



## SEMIÓTICA E LINGUAGEM RITUAL CATÓLICA: UM ESTUDO COMPARATIVO

(Semiotics and Catholic ritual language: a comparative study)

### Felipe Sardinha Bueno

Graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e pós-graduado em Português - Língua e Literatura pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

E-mail para contato: sardteo@gmail.com

### RESUMO

A Semiótica ergue-se enquanto uma ramificação dos estudos linguísticos, debruçada sobre as questões da linguagem, comunicação, manifestas não somente nas palavras, entretanto nas imagens e símbolos. A religião por si só é uma manifestação profundamente simbólica. Neste estudo, tomamos o rito católico romano da missa com sua simbologia adjacente, e submetemos a ele algumas indagações semiológicas, demonstrando que a leitura ritual é melhor efetivada na medida em que o receptor (fiel) está imerso na trama de significados propostos pela religião, concedendo sentido ao que contempla, permitindo-o uma autêntica compreensão, e por conseguinte, participação.

**Palavras-chave:** Semiótica; Símbolos; Sinais; Liturgia; Rito.

### ABSTRACT

Semiotics stands as a branch of linguistic studies, leaning on the issues of language, communication, manifested not only in words but in images and symbols. Religion itself is a deeply symbolic manifestation. In this study, we take the Roman Catholic rite of Mass with its adjacent symbology, and submit its some semiotic questions, demonstrating that the ritual reading is best effected in that the receiver (faithful) is immersed in the web of meanings proposed by religion, It is giving meaning to contemplating, allowing it an authentic understanding, and hence participation.

**Keywords:** Semiotics; Symbols; Signals; Liturgy; Rite.

## INTRODUÇÃO

A Semiótica ou semiologia constitui-se, enquanto um caminho importante dos estudos de linguagem aplicada por se debruçar sobre uma abrangência comunicativa não restrita aos elementos verbais da textualidade, não obstante a capacidade de se entrelaçar com os gestos, as imagens e a simbologia presente. “É ela uma teoria da significação, ou seja, seu trabalho é o de explicitar, sob a forma de uma construção conceptual, as condições de apreensão e de produção de sentido”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> GREIMAS apud FIORIN, 2008, p. 19-20.



Rompe com a simplista ideia de que a comunicação dá-se exclusivamente pelas palavras proferidas oralmente ou em texto, trazendo toda a amplitude do constructo comunicativo, vislumbrado pelas imagens - o visual - e os símbolos – palavras e imagens as quais transcendem a si mesmas no que se refere à sua semântica própria.

Tomando por base vocabular fundamental em nosso texto, os sinais convencionais do signo (palavras), ícone (imagens), e símbolo (articulação entre signo e ícone a partir de um significado), abordados na disciplina de Semiótica no curso de pós-graduação *lato sensu* em Português, língua e literatura da Universidade Metodista de São Paulo; e partindo da inter-relação existente entre esses e o interpretante (o sujeito), este trabalho buscará refletir tais conceitos unidos à literatura teológica cristã católica, a qual aborda os princípios norteadores da liturgia da missa, percebendo, principalmente a simbologia subjacente, e o caráter do intérprete ao experimentá-la em sua condição de fiel espiritual.

Dessa forma, poderá perceber-se não somente o que a linguagem simbólica ritual traduz - a explicação oficial dos símbolos, mas os caminhos intermediários entre o receptor (interpretante) e a capacidade de se acessar o objeto, fenomenicamente perceptível a partir da carga de significados que um fiel pode ter.

Alguém que não compreenda o cabedal de signos (palavras próprias da religião estudada), e as imagens vinculadas a esses será incapaz de apreender o sentido ritual, o qual poderia ser simplesmente um conjunto de gestos aleatórios de caráter teatral.

Sem domínio da trama de significados, um rito jamais poderá alcançar plenamente sua meta de inserir um indivíduo em seu universo próprio.

“Quando as palavras explicam o que se passa nas imagens [naquilo que é visto, contemplado] [...] o verbal cumpre a função de ancoragem”<sup>2</sup>.

Diante dessa realidade, a Semiótica faz-se valorosa no que tange a seu aspecto científico, por favorecer um estreitamento conceitual aplicado, auxiliando, neste caso específico, àqueles que se defrontam com a liturgia, e como melhor apreendê-la e saboreá-la.

Através dos princípios interdisciplinares defendidos pela teoria transgressiva vinculada à Linguística Aplicada, esta investigação valer-se-á do estudo comparado da simbologia litúrgica católica com os conceitos clássicos da Semiótica citados anteriormente, buscando estabelecer uma ponte entre o universo teórico da comunicação com a práxis religiosa de uma cerimônia.

## 1. LINGUAGEM E RITO

Em uma cerimônia ritual católica, podemos identificar os signos (palavras) com os textos sagrados proclamados, a pregação do sacerdote, a redação das orações, a letra dos hinos cantados, comentários, cada verbalização comunicada diretamente e audível aos participantes.

São ícones a imagem gestual, aquilo que ocorre no presbitério, e a visualização do que os outros integrantes da assembleia realizam, além da configuração do templo, as pinturas, os vitrais, imagens dos santos, cores utilizadas, os paramentos vestidos.

---

<sup>2</sup> PIETROFORTE, 2004, p. 49.



E símbolos magnanimamente usados em todo o rito: o porquê da posição dos corpos, cada um veiculado a um ministério específico, a localização dos objetos sagrados, o uso desses em momentos específicos, a coloração envolvida, e o sentido dos gestos.

Vemos uma articulação da simbologia proveniente da unidade dos signos com os ícones, ganhando significados apropriados.

## 1.1. OS PASSOS DO RITO

Na ação litúrgica católica ocorre a fusão entre os gestos envolventes pelo presidente da celebração (sacerdote), ministérios e a assembleia orante e participante com a palavra proferida dos livros autorizados pela Santa Sé<sup>3</sup>, demonstrando o significado real logicamente compreendido, mas acessado em sua significação completa pelos já iniciados religiosamente<sup>4</sup>.

Segundo Urban e Bexten, a palavra “liturgia” significa “oração oficial”, “oração do povo para o povo”<sup>5</sup>, esse vocábulo toma-se enquanto referência religiosa de uma manifestação pública de fé.

Herdando do judaísmo certas práticas, a Igreja Cristã também admitiu uma certa ritualidade na sua ação comunitária de viés transcendental, isto é, sequências logicamente adquiridas e indicadoras dos princípios assumidos, o que na tradição religiosa em questão assumiu o nome mutuamente relacionado de *Lex orandi* e *Lex credendi*. A palavra da oração e da inteligência da fé (signos) harmoniosamente traduzidos em gestos (ícones) visualizados e conjugados em símbolos (o porquê dessa conjugação).

Dessa maneira, observando o culto da missa a partir do Rito Romano, ratificado por Paulo VI com o missal publicado em três de abril de 1969, vê-se a atividade cultural no Ocidente, por meio dessa linguagem oficial do rito canonicamente aprovado e determinado, nos seguintes momentos: ritos iniciais, liturgia da Palavra, liturgia eucarística, rito da comunhão, ritos finais<sup>6</sup>.

Cinco conglomerados de gestos (linguagem icônica), palavras (signos) e símbolos (ícones e signos conjuntos), os quais não podem ser desfeitos ou trocados de posição.

Tal atitude proporcionada por um sacerdote desconexo poderia proporcionar uma quebra radical na coesão de toda a “orquestração” teológico-simbólica envolvida.

Fato sempre exortado pelo papa emérito Bento XVI (Joseph Ratzinger), o qual sempre defendeu o “espírito da liturgia”: “Cada vez menos e menos Deus é o centro. Cada vez é mais e mais importante o que é feito pelos seres humanos que se encontram aqui e não gostam de se sujeitar a um padrão pré-determinado”.<sup>7</sup>

<sup>3</sup> Roma, Vaticano.

<sup>4</sup> A Iniciação Cristã não se identifica unicamente com o acesso à uma doutrina elaborada, faz do fiel-receptor um iniciado na linguagem simbólica de sua própria identidade religiosa. Isso ocorre de modos distintos em todas as religiões, as quais sempre possuem uma maneira de “mergulhar” seus neófitos em sua linguagem.

<sup>5</sup> 2013, p. 146.

<sup>6</sup> IGMR, n. 46-90.

<sup>7</sup> Disponível em <<http://senzapagare.blogspot.com.br/2013/03/onze-grandes-citacoes-do-papa-bento-xvi.html>>. Acesso em 19 de setembro de 2016.



A Semiótica diante de um livre-arbítrio mal colocado de um presidente da liturgia teria tarefa difícil, pois não seria capaz de proporcionar o *odos* do sentido autêntico, quebrado por um sujeito que possui sua semântica particular, nem sempre comum entre todos os participantes do rito.

O rompimento do *sim-bolo* gera um *dia-bolo*, i. é, divisão, quebra do sentido, geração de desarmonia e desfavorecimento comunicativo.

Uma das tarefas inerentes à missão eclesial está no múnus de ensinar, fato importante desenvolvido e incentivado principalmente pelo grande evento do Concílio Vaticano II (1962-65), o qual, enquanto frutos, obteve a popularização da liturgia, e o acesso maior à sua compreensão pelo processo catequético e pelas equipes emergentes nas comunidades paroquiais com o intuito de formar o povo à inserção no mistério e participação ativa na expressão ritual existente<sup>8</sup>.

Este popularizar da liturgia, no que se refere à linguagem significou uma aproximação maior da gente comum ao sentido daquilo que realizam ritualmente. As palavras, os gestos, as imagens, o caminho ritual, os símbolos envolvidos tornam-se mais presentes e significativos às vidas das pessoas religiosas, comunicando o que realmente o rito pretende.

## 1.2. O PODER DO SÍMBOLO

Não se pode afirmar um universo religioso sem referenciar uma matéria simbólica inerente<sup>9</sup>.

O vocábulo “símbolo” tem sua gênese etimológica na língua grega. Provém de *syn-bállo*, verbo conjunto de *syn* e *ballo*. *Ballêin* quer dizer lançar, atirar; e *syn* “com, junto”. Dessa forma, *synballêin* pode ser traduzido como unir, lançar junto, trazendo uma motivação de comunhão.

Um símbolo se difere de um sinal. Um sinal indica um percurso, sendo que um símbolo traz algo a mais do que o imediato contato. “Os símbolos possuem um poder além das palavras porque carregam uma variedade de significados que falam à alma, à mente e às emoções”<sup>10</sup>.

Na tradição grega, o uso da palavra “símbolo” estava muito vinculado às relações comerciais de troca:

Aqueles que iam ao mercado e não levavam o objeto a ser trocado naquele instante, enquanto parceiros de troca, pegavam um bastão e o quebravam ao meio para que na próxima ocasião unissem as partes e efetivassem a transação. Isso é símbolo, a união de duas partes que se completam em unidade.

“Cada uma das duas partes do bastão continha, ocultava, revelava e comunicava uma realidade, o negócio, a troca feita. Uma parte continha a outra, revelava a outra, completava a outra. Uma está na outra, embora de outra forma”<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> BUYST, 2006, p. 19-20.

<sup>9</sup> RELIGARE, 2006, p. 25.

<sup>10</sup> BRENDA, 2009, p. IV.

<sup>11</sup> BECKHAUSER, 2004, p. 111.



Para inserir a conceituação de “símbolo” no contexto litúrgico, Beckhauser<sup>12</sup> prevê dos seguintes modos: realidade mesma em outro jeito de ser; sinal sensível que possui em si, oculta, revela e transmite simultaneamente o mistério; e o símbolo enquanto expressão peculiar e própria do mistério.

O conjunto dos símbolos interconectados desemboca-se na constituição do rito.

No meio católico, tal rito conjugado de simbologias traduz a obra redentora de Jesus Cristo, pelo mistério pascal, em favor dos homens.

Apesar de seu aparato externo, a simbologia litúrgica leva aos iniciados em sua dinâmica a internalização dos valores e princípios da fé, os quais são capazes de produzir e provocar *metanoia*, isto é, conversão, mudança de rumo, transformação existencial.

Aqui vemos a verdadeira meta da linguagem simbólica: o levar o indivíduo àquilo que está na mensagem transformada em símbolo, sua interiorização axiológica.

Símbolos articulados construindo ritos elevam o espírito em sua evolução plenificante<sup>13</sup>.

“O mundo do simbolismo é dinâmico. Ele se expande enquanto o conhecimento e os costumes mudam, mas símbolos ainda são o cerne da sabedoria universal à qual os seres humanos têm respondido e continuam a responder ao longo dos milênios”<sup>14</sup>.

## 2. O CONTEÚDO RITUAL

O rito romano - promulgado por Sua Santidade, o papa Paulo VI, após a realização do Vaticano II (1962-65) em Roma, marcado pelas inspirações da Constituição *Sacrossanctum Concilium* - contém em suas determinações práticas um avantajado espaço para os leigos, diferentemente do rito tridentino (anterior), no qual a ação litúrgica estava amplamente dirigida à participação dos ministros ordenados.

No período tridentino (pré-Vaticano II), uma das grandes dificuldades fora a inacessibilidade da linguagem verbal (signos) para muitos.

O uso do latim (língua clássica), não conhecida pela totalidade do povo católico, em detrimento do vernáculo (língua nacional), fazia com que o rito se transformasse unicamente em uma expressão visual, todavia com muitas possibilidades de apreensões, pelo distanciamento das verbalizações incompreensíveis.

Poucos a dominavam, ficavam somente com a linguagem icônica, muitas vezes não suficiente para transmitir tudo o que o rito almejava.

Tal prática propiciou um crescimento avantajado de devoções particulares durante o rito, que não comunicava, uma teatralização piedosa.

Assim para demonstrar o ápice da cerimônia, se introduziu, por exemplo, o uso do carrilhão no momento da consagração eucarística. Fato ainda presente na ritualidade atual.

<sup>12</sup> 2004, p. 113.

<sup>13</sup> BECKHAUSER, 2004, p. 130.

<sup>14</sup> MALLON, 2009, p. V.



Essa práxis existia para mostrar à assembleia o momento mais solene em que deveria estar focada e silenciosa.

O uso da própria língua e a missa voltada para o povo favoreceu em muito a capacidade comunicativa entre a Igreja oficial (a hierarquia presidente do rito) e os seus “clientes” (leigos cristãos integrantes da celebração).

## 2.1. A MISSA EM SI: EXPLICAÇÃO DA SIMBOLOGIA

Em seu roteiro, pode-se observar um itinerário da Palavra (Sagrada Escritura) – uma das mesas, onde o fiel se nutre – à Eucaristia, o mistério por excelência da transubstanciação, do pão e do vinho que são - na doutrina católica - o próprio Jesus Cristo alimento, libertador da humanidade.

A celebração começa com os ritos iniciais, a saudação do presidente convidando o povo à conversão, à solicitação divina do perdão dos pecados.

O gesto de começar e concluir com o sinal da cruz, unindo palavra e ação, traz o símbolo maior da fé cristã, que é a cruz – símbolo interpretado diferentemente pelos cristãos das diversas tradições.

Segue-se nos dias de domingo (indicador da Ressurreição – “o primeiro dia da semana” – cf. Lc 24; At 20,7; 1Cor<sup>15</sup> 16,2 ) o hino de louvor, a glorificação do Deus Uno e Trino por sua manifestação amorosa na criação e na humanidade redimida. O corpo fala, alegrando-se em muitas liturgias latino-americanas e africanas com a linguagem da dança e das palmas, demonstrando a alegria de estar na religião.

Vem a seguir a oração da coleta, onde são colhidos os pedidos e agradecimentos, as intenções mais profundas, as quais pela voz do padre presidente são elevadas a Deus em nome de toda a Igreja militante. Esse gesto conclui o que chamamos de ritos iniciais.

A liturgia da Palavra traz a riqueza do patrimônio da revelação divina na história da salvação, com leituras do Antigo e Novo Testamento (conforme a disposição do diretório litúrgico eclesiástico), culminadas no Evangelho – centro irradiador da mística dos seguidores de Jesus, razão da existência e serviço da *Ecclesia*.

Esse momento ritual, em dias festivos, conclui-se com a profissão de fé (o “Creio”) e as preces comunitárias. É o instante do signo por excelência, escutar cada versículo bíblico exortativo aos receptores. O emissor (leitor) dirige à assembleia as palavras que são interpretadas em sua simbologia pela hermenêutica do sacerdote em sua homilia.

Culminando no momento mistérico da Eucaristia, essa fase do rito inicia-se com a preparação das oferendas (do pão e do vinho), frutos da terra e do trabalho humano, santificados pelo Espírito Santo. Pão e vinho são usados enquanto símbolos escolhidos por Jesus para demonstrar sua proximidade com o trabalho edificante da humanidade.

A oração eucarística detém o hino do “Santo, Santo, Santo”, as intercessões eclesiais, a consagração (ponto culminante) e a doxologia, o louvor ao Pai, oferecido pelo Cristo feito

---

<sup>15</sup> Utilizamos aqui a abreviação bíblica respectiva para os textos sagrados cristãos: Evangelho segundo São Lucas, Atos dos Apóstolos e Primeira Carta do Apóstolo Paulo à Igreja de Corinto.





homem, e nele oferecendo todos os pecadores. Nesses instantes do rito, o signo é solenizado nas palavras proferidas por Jesus na última ceia, conforme os evangelhos, conjugando o grande gesto da elevação do pão e vinho.

Segue-se o instante da comunhão com a prece do Pai Nosso (signo importante por, segundo a tradição, ser a oração comunicada por Jesus de Nazaré), o pedido da paz, a fração do pão e o banquete àqueles que se aproximam do altar, concluído com a oração pós-comunhão.

Para se terminar o ritual da missa, ocorre a bênção e a despedida, enviando em missão, na paz do Senhor aqueles que se alimentaram da Redenção e são convidados a compartilhá-la na evangelização quotidiana.

Esses são os passos do rito ordinário da missa romana e sua significação correspondente simplificada no relato acima.

A um não religioso ingressando em um templo no momento exato da celebração, poderia observar seus dizeres, sequências e talvez até intentar uma correlação pelo que está diante de seus olhos, não obstante não conseguirá fazer de um modo mais plenificante uma experiência “mistagóicoespiritual” sem compreender a simbologia envolvida e envolvente e seu conteúdo respectivo<sup>16</sup>.

Segundo Jung, renomado nome da psicologia clássica, os símbolos influenciadores da condição humana têm fins diversos.

Para o autor citado, alguns necessitam de uma experiência ritual tal qual a de um trovão em termos gregos - dionisíaca, outros em uma submissão planificada, metódica tal como a expressão apolínea – equilibrada<sup>17</sup>.

Uma iniciação completa abrangeria as duas faces, provocando pelo rito uma transcendência capaz de conduzir sua vida e levando-a a um regramento totalizante, o que em termos semiológicos poderíamos dizer um inserir-se profundamente na linguagem simbólica. O símbolo é capaz de elevar e libertar o ser humano em sua história sagrada.

### 3. SEMIÓTICA E LITURGIA

A Semiótica erige-se, como um ramo da Linguística, o qual se detém sobre a capacidade hermenêutica diante dos ícones (imagens), signos (palavras) e símbolos (significação adquirida às imagens e verbalizações). Pode-se dizer que se trata de um percurso metodológico capaz de enxergar o que está por detrás daquilo que se confronta.

Seus estudos confirmam a possibilidade única de se acessar um símbolo a partir do quanto o interpretante está vinculado racional e emocionalmente àquilo que contempla e entra em contato.

---

<sup>16</sup> Para a teologia cristã, há um fator preponderante denominado “graça”, dom gratuito de Deus que vai ao encontro das pessoas. Alguém não entendendo a liturgia pode acessar o Sagrado por aquilo que ouvirá, verá e experimentará, crendo-se que é o próprio Deus indo ao encontro dele; todavia ao dominar a interpretação de uma simbologia, poder-se-á transportar do aspecto meramente emotivo para uma capacidade de maior estabelecimento de conexões, permitindo uma abrangente experiência existencial.

<sup>17</sup> JUNG, 2008, p. 195.



Auxilia-nos, em nossa investigação adjunta à semiologia, as indagações bakhtinianas na análise do discurso, na qual o autor russo prevê que ao verbalizar algo o sujeito está predicando suas marcas socioeconômicas e de sua nação; e os estudos filosóficos heideggerianos com a teoria do “mundo da vida”, em sua conceituação fenomenológica, já pensando existencialmente:

Se o sujeito detém “mundo”, *id est*, está relacionado às imagens e às palavras os quais em contato permanece, é capaz de adquirir um melhor e mais próximo entendimento do que se pretende.

Encaramos a expressão “mais próximo”, pois por mais que se deseje uma total apreensão objetiva, não se pode negar a subjetividade capaz de edificar hermeneuticamente de modos mais abrangentes (história social e psicológica inerentes).

A Semiótica aqui será validamente utilizada para indicar o que os símbolos pretendem “dizer”.

Tendo presente esses “dizeres”, poderá o sujeito buscar a melhor maneira de lê-los conforme a intenção primeira.

Concorde à conceituação heideggeriana, a semiologia involucrada com a fenomenologia, os símbolos lidos também com o já presente *a priori* permitir-se-ão uma evolução significativa na apreensão de sentido.

## CONCLUSÃO

No caso da liturgia que estudamos, se unirá a teologia da Igreja (Semiologia aplicada ao ritual – simbologia com sentido doutrinal próprio) com a experiência pessoal única, possível de enriquecer a vivência espiritual daquele que não somente vê a cerimônia (observador meramente epistemológico dos ícones e audiente dos signos proferidos), não obstante, espiritualizado em sua semântica existencial ampla.

Ritos objetivamente declarados pela Sé Romana “encarnam-se” em apreensões, no todo, similares, entre os fieis, porém, diversificadas, no que tange à gama de significados personalizados e misticamente experimentados.

Este trabalho não pretende encerrar os estudos de aplicação semiológica, todavia abre possibilidades para o aprofundamento interdisciplinar entre linguística, ciências da religião, teologia litúrgica e filosofia, tomando a conceituação do alemão Martin Heidegger e da compreensão bakhtiniana na análise do discurso.

Caso se faça uma leitura ritual verdadeiramente, previmos o conhecimento de sua linguagem específica, a aproximação aos princípios da religião, e a união com a experiência unitária do sujeito que expande a semântica em sua caminhada particular de fé.

O emissor (igreja) comunica pelas palavras (signos), imagens (a ritualidade) e a simbologia envolvida, acrescida da apreensão particular dos sujeitos pela carga de sentido que trazem em si e atribuem.

Não pretendemos por tais afirmações relativizar o acesso ao rito, não obstante demonstrar que por mais que sua linguagem tenha um caráter objetivo, ela não será suficiente para





açambarcar todas as intuições humanas capazes de ampliar as experiências, sem comprometê-las necessariamente, atribuindo valores a mais, edificando a si mesmos enquanto homens e mulheres de fé – meta principal da liturgia na existência.

## BIBLIOGRAFIA

- BECKHAUSER, Frei Alberto. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. (Iniciação à Teologia).
- BÍBLIA. **Bíblia do Peregrino: Comentários de Luis Alonso Schoekel**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BRENDA, Mallon. **Os símbolos místicos: um guia completo para símbolos e sinais mágicos e sagrados**. Traduzido por: Eddie Van Feu. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- BUYST, Ione. **Equipe de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Celebrar).
- CNBB. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: Edições CNBB, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 2ª Edição especial brasileira. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Contexto, 2004.
- RELIGARE. **Religiões. História, textos e tradições**. Prior Velho, Portugal: Paulinas, 2006.
- URBAN, Albert; BEXTEN, Marion. **Pequeno dicionário de Liturgia**. Traduzido por Clóvis Bovo. Aparecida, SP: Santuário, 2013.
- Disponível em: <<http://senzapagare.blogspot.com.br/2013/03/onze-grandes-citacoes-do-papa-bento-xvi.html>>. Acesso em: 19 de setembro de 2016.

Recebido em: 07/12/2016

Aprovado em: 05/05/2017